

Um sentido sensível do mundo pela filosofia de Merleau-Ponty

Nayara Borges Reis¹

Resumo:

A filosofia de Merleau-Ponty pode ser apreendida como uma alternativa aos dualismos que envolvem a noção clássica de razão, uma vez que separa sujeito e objeto, mente e corpo, inteligibilidade e sensibilidade, consciência e mundo. Através do conceito de corpo, o autor desenvolve a idéia de que esses termos se dão de forma indivisa, com o movimento recíproco de um a outro e não com a separação entre eles. Dessa noção alargada de razão, que garante a interconexão entre consciência e mundo, pensaremos o conceito de corpo, presente na *Fenomenologia da percepção*, como abertura a um sentido sensível do mundo. Pelo “corpo próprio”, há a experiência sensível do “ser-no-mundo”, na ordem do que é vivido e não do que é pensado, pois o sentir é pré-objetivo. Isso se dá pela relação “eu, o outro e as coisas” em estado nascente, admitindo uma expressão vital primordial, que desencadeia numa relação ontológica do corpo, desenvolvida no ensaio posterior *O Filósofo e sua sombra*.

Palavras-chave: Corpo. Sentido. Sensível. Mundo. Vivido.

Pela “*Fenomenologia da Percepção*”, importante obra de Merleau-Ponty, investigaremos o conceito de corpo enquanto abertura a um sentido sensível do mundo que admite uma expressão vital primordial, pois estabelece relação com aquilo que pertence à ordem do que é vivido e não meramente do que é pensado.

Herdada de Husserl (1859-1938), tal fenomenologia se desenvolve a partir da descrição de essências repostas na existência, a fim de repensar a relação do sujeito com o mundo. Trata-se de descrever fenômenos de uma consciência situada no mundo, através de suas experiências. O sujeito é sujeito da percepção e deve se perceber no mundo em estado de começo. É daí que se revela o “ser-no-mundo”, aquele que garante uma facticidade do próprio pensamento, no movimento em direção ao mundo primordial.

Nessa esfera, os conceitos de “redução eidética” e “intencionalidade operante” são recuperados de Husserl por Merleau-Ponty. A “redução eidética” designa esse retorno às coisas mesmas, ao real, à percepção de um mundo pré-objetivo e antepredicativo, que já existe anteriormente ao conceito, pois é da ordem do que é vivido e não do que é pensado.

¹ Graduando em Filosofia da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília. nayaraborgesreis@yahoo.com.br. Orientadora: Prof^a. Dra. Arlenice Almeida da Silva.

A “redução eidética” é também transcendental, no sentido de que caminha em direção ao mundo e vai além dele para se completar. O retorno ao vivido não é coincidência, ele é resultado da admiração do mundo, desse ir além, dessa transcendência, pois “a reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo; ela toma distância para ver brotar as transcendências, ela distende os fios intencionais que nos ligam ao mundo porque o revela como estranho e paradoxal” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.10).

A “intencionalidade operante” é uma noção ampliada de intencionalidade, que difere da “intencionalidade de ato”, a qual consiste em determinar o mundo através de nossos juízos. É a “intencionalidade operante” que torna possível o contato da percepção com o mundo, pelo engajamento desse movimento, em que a consciência se vê no mundo agindo, realizando operações. É essa noção ampliada de intencionalidade que

[...] forma a unidade natural e antepredicativa do mundo e de nossa vida, que aparece em nossos desejos, nossas avaliações, nossa paisagem, mais claramente do que no conhecimento objetivo, e fornece o texto do qual nossos conhecimentos procuram ser a tradução em linguagem exata. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 16).

Também retomando de Husserl, Merleau-Ponty enfatiza o conceito de intersubjetividade, pois com experiência sempre renovada da situação no mundo, o sujeito se vê diante de um outro, frente a uma outra consciência. Já para além de Husserl, é extremamente cara à fenomenologia de Merleau-Ponty a noção de historicidade aliada à noção de sentido. A questão do tempo é fundamental em todo o seu desenvolvimento, pois é ele que permite desenhar um sentido da relação do “ser-no-mundo”. “Porque estamos no mundo, estamos condenados ao sentido, e não podemos fazer nada nem dizer nada que não adquira um nome na história” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 18).

Questionando as noções clássicas de associação, projeção das recordações, atenção e juízo, Merleau-Ponty critica a tradição. Sobre a associação e a projeção de recordações, ele enfoca a idéia do tempo. A tradição entendia o sentido dos fenômenos dados como processo associativo, o que, diz Merleau-Ponty, trata da redução do sentido a semelhanças confusas, pois primeiramente se reúnem estímulos para depois entregá-los à percepção. Na questão do tempo, o filósofo critica o empirismo, que só vê no presente a capacidade de atribuir sentido aos fenômenos, entendendo o passado e o

futuro como horizontes de ausência. Dessa forma, Merleau-Ponty diz que o empirismo mascara o mundo humano e cultural, porque ignora a situação temporal e os acasos de nossa organização e o fato de que nossa percepção se encaixa em perspectivas, revelando um sentido de presença e ausência dos fenômenos.

Não obstante à crítica ao empirismo, Merleau-Ponty também critica o intelectualismo, cujos principais alvos são Descartes (1596–1650) e Kant (1724–1804). No que diz respeito à atenção e ao juízo é que o filósofo insere esse ponto da crítica. Para o empirismo, a atenção se deduz da “hipótese de constância”, em que o mundo objetivo passa da confusão à clareza, pois o sujeito nele se coloca organizando o que estava embaralhado. Para o intelectualismo, a atenção é um poder absoluto dado pela consciência. Talvez seja essa a mais importante crítica de Merleau-Ponty nesse contexto:

O que faltava ao empirismo era a conexão interna entre o objeto e o ato que ele desencadeia. O que falta ao intelectualismo é a contingência das ocasiões de pensar. No primeiro caso, a consciência é muito pobre; no segundo, é rica demais para que algum fenômeno possa solicitá-la (...) Malgrado as intenções do intelectualismo, as duas doutrinas têm portanto em comum essa idéia de que a atenção não cria nada, já que um mundo de impressões em si ou um universo de pensamento determinante estão igualmente subtraídos à ação do espírito. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 56).

Adiante ele descreve a relação da atenção com as coisas do seu ponto de vista: “é preciso colocar a consciência em presença de sua vida irrefletida nas coisas e despertá-las para sua própria história que ela esquecia; este é o verdadeiro papel da reflexão filosófica e é assim que se chega a uma verdadeira teoria da atenção” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 60).

O mesmo problema aparece com a idéia de juízo, pois na visão clássica do empirismo e do intelectualismo é o juízo que, aliado à sensação, forma a percepção. Porém, Merleau-Ponty segue na crítica a esse legado clássico ao dizer que se a percepção interpreta, ela só o faz a partir do mundo, com sentido sensível, anterior a qualquer juízo.

É com relação ao movimento operante da razão aliado ao sentir, ou seja, à comunicação vital com o mundo, que Merleau-Ponty cria o conceito de “campo fenomenal”. Este campo consiste em reencontrar uma experiência direta do corpo no

mundo vivido, aquém dos conceitos. Ele se dá pela relação “eu, o outro e as coisas” em estado nascente, cujo sentido deverá ser alargado até a idéia de motricidade, afetividade e expressão. Essa experiência direta do corpo que o “campo fenomenal” busca reencontrar revela o caráter transcendental da fenomenologia, pois nunca se tem de imediato todos os pensamentos originários que contribuem para a percepção presente, mas é através da história e do movimento cultural que eles surgem.

Tal filosofia transcendental proposta por Merleau-Ponty supera o sujeito transcendental kantiano, pois neste não há o problema do outro, uma vez que conhece a si mesmo através de uma constituição inteiramente subjetiva. Com a “redução eidética”, ao contrário, Merleau-Ponty já apontava que o caminho da transcendência é em direção à admiração do mundo, apontando para a intersubjetividade, pois com a experiência direta do corpo no mundo vivido, revelada pelo “campo fenomenal”, há o contato com o outro.

Enfim, para encontrar a origem da experiência, Merleau-Ponty desenvolve o conceito de corpo, estendendo o “campo fenomenal”. Pelo “corpo próprio” entende a experiência na qual há comunicação com o mundo percebido. Nele é ressaltado o movimento da percepção como perspectiva espacial e temporal que se funde sob contato do outro, do tempo e da linguagem. Há uma comunicação dos momentos que o corpo percebe e abre como horizontes a outras consciências.

Merleau-Ponty discute, nesse viés, sobre a “existência anônima” do corpo, abaixo da vida pessoal, que se apresenta como uma ambigüidade do “ser-no-mundo”. O ser se abre com o corpo e o mundo se abre com o tempo, oferecendo operações instintivas. O corpo em realidade revela uma existência que se opõe ao movimento reflexivo que separa o sujeito do objeto e o objeto do sujeito.

A análise merleau-pontyana do corpo chega, então, a idéia de espacialidade e motricidade. A espacialidade do esquema corporal é dinâmica, pois se trata das partes do corpo envolvidas em situação. O corpo não se reduz ao espaço, mas seu movimento é meio de percepção do espaço, do tempo e da ação. É pelo corpo fenomenal que há movimento e projeção de significações no mundo. Há um comportamento atual na área vital do sujeito e não simplesmente uma possibilidade inteligível, como acreditou a tradição. Esse comportamento condiciona a existência entre sensibilidade e significação, por isso:

[...] há um mundo dos pensamentos, quer dizer, uma sedimentação de nossas operações mentais, que nos permite contar com nossos

conceitos e com nossos juízos adquiridos como com coisas que estão ali e se dão globalmente, sem que precisemos a cada momento refazer sua síntese. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 182).

Para o corpo existem significações encarnadas no mundo dado, o que conduz, segundo Merleau-Ponty, à idéia de que a liberdade consiste em pôr-se em situação. Isso aponta para uma análise existencial da relação entre a consciência e a coisa, por intermédio do corpo. O esquema corporal, com efeito, não é simplesmente experiência do corpo, mas experiência do corpo no mundo e, nessa medida, o hábito é fundamental porque renova esse esquema corporal, se colocando como apreensão motora de uma significação motora. É o hábito que permite ao esquema corporal incorporar novos gestos, que são valores afetivos.

Com a noção de motricidade, Merleau-Ponty pôde mudar o sentido clássico do conceito de corpo, indo para além de seu pressuposto de interioridade presente na tradição, o que resulta no conceito de “corpo próprio”: é sua experiência que enraíza o espaço na existência.

Merleau-Ponty insere, com efeito, a discussão da afetividade, por meio da idéia de corpo como ser sexuado. A sexualidade, ele diz, é uma intencionalidade original que diz respeito à vitalidade. Nesse ponto, Merleau-Ponty recupera Freud (1856–1939), no sentido de que este descobriu um movimento dialético importante ao reintegrar a sexualidade no ser humano. É pela sexualidade que o homem possui uma história, em seu encontro com o outro e com o tempo. Porém, diz Merleau-Ponty, a psicanálise chegou a conclusões ambíguas, porque generalizou a noção de sexualidade, tornando confuso se era a existência que teria uma significação sexual ou se a sexualidade que teria uma significação existencial.

A sexualidade é dialética, segundo Merleau-Ponty, pois há a tensão de uma existência a outra. Há, na verdade, uma dialética do próprio corpo, um certo jogo de visões, porque ele vê a si mesmo como um sujeito, mas pode ser visto pelo outro como um objeto. Disso decorre a idéia do amor e suas contradições, presentes no espaço vital das relações ambíguas de um corpo a outro, pois, como diz Merleau-Ponty, procuramos possuir não somente um corpo, mas um corpo animado por uma consciência.

Merleau-Ponty discute afinal o corpo como expressão, na intenção de ultrapassar definitivamente a dicotomia entre sujeito e objeto. Analisando a questão da linguagem,

ele diz que há por detrás da palavra uma atitude e um gesto, pois ela tem um sentido que antecede o conceito e é imanente à fala.

A palavra e a fala, diz Merleau-Ponty, são presenças no mundo sensível dadas pelo corpo. A gesticulação do corpo é um poder de expressão natural que abre para a significação existencial. Assim, os gestos são compreendidos pela reciprocidade intersubjetiva, pois quando duas significações percebidas se entrelaçam, um novo mundo cultural começa a existir. Há um novo sentido, uma variação do “ser-no-mundo” dado pela diferenciação da mímica, do gesto. Assim, o sentido se faz para cada um no contato corpóreo de sua existência. É num mundo sensível, então, que a fala se revela como saber intersubjetivo, um meio de expressão no nível do corpo que antecede o juízo.

Há na linguagem, portanto, uma possibilidade de transcendência em direção a um comportamento, ao outro ou ao próprio corpo pelo corpo e pela fala. O “corpo próprio” desenvolve sua experiência como corpo em realidade, revelando uma existência ambígua, rompendo, de fato, com dualismos clássicos entre sujeito e objeto em primeira ou em terceira pessoa. Assim, diz Merleau-Ponty:

Ele é sempre outra coisa que aquilo que ele é, sempre sexualidade ao mesmo tempo que liberdade, enraizado na natureza no próprio momento em que se transforma pela cultura, nunca fechado em si mesmo e nunca ultrapassado. Que se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 269).

Já no ensaio posterior “*O Filósofo e sua sombra*”, Merleau-Ponty desloca a discussão de um enraizamento da consciência no mundo para um fundamento ontológico da mesma. É sobre esse fundamento que ele investiga a origem do impasse da constituição transcendental em vez de partir desse resultado, como na “*Fenomenologia da Percepção*”.

O fundamento ontológico da consciência revela uma “terceira dimensão”, a do “Ser Bruto” e do “Espírito Selvagem”, anterior à objetividade e à subjetividade, ponto que será desenvolvido na obra póstuma “*O Visível e o Invisível*”.

Essa “terceira dimensão”, por sua vez, é o que constitui a esfera do “impensado”, da sombra, como já apontado no título do ensaio. Tal conceito, recuperado de

Heidegger, como revela Marilena Chauí em nota, consiste num devir de sentido, no que se esconde entre o significado e o significante, entre o constituinte e o constituído, entre o “noema” e o “noese”, segundo as palavras de Merleau-Ponty:

[...] a história da filosofia que seria preciso realizar é a do subentendido [...] Considerar a linguagem, mesmo filosófica, não como uma soma de enunciados, mas como um véu esticado, a trama de uma cadeia verbal. (apud CHAUI, 1975, p. 431).

Esse impensado, como fundamento ontológico, diz respeito não às coisas nem ao nada, mas a um mundo percebido entre as coisas, com seus reflexos, horizontes, intervalos, desvios e ausências. Isso aponta, por conseguinte, para uma reabilitação ontológica do sensível, através de uma corporeidade reflexionante.

A evidência que se tem do outro parte da sensibilidade e não do pensamento, pois há uma universalidade do sentir, uma vez que se vive o mesmo mundo um corpo que entra em contato com outro. Portanto, essa intercorporeidade, como comenta Marilena Chauí em nota, desloca o poder constitutivo, ele não é mais nem o começo nem o fim, mas um campo em sentido múltiplo que insere o “logos do mundo estético”, idéia que também será ampliada em “*O Visível e o Invisível*”.

Assim, extrai-se a conclusão de que a consciência constituinte é resultado do processo do conhecimento e não um dado inicial já constituído; a constituição revela um avesso das coisas, como diz Merleau-Ponty: “as coisas estão ali, de pé, insistentes, esfolando o olhar com suas arestas” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 450).

Dessa forma, chegamos ao final deste trabalho enfatizando a idéia de que se os outros já estão ali com a simultaneidade das coisas e eu o encontro sensivelmente através de confirmações de gestos no corpo e não no pensamento, então o enigma que compõe cada camada sensível do mundo vivido é o que deveria ser interrogado, como diz Merleau-Ponty.

Referência

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
_____. O Filósofo e sua Sombra. In: _____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Coleção Os Pensadores – XLI).